

A RIQUEZA DAS NAÇÕES
DE ADAM SMITH

LIVROS QUE MUDARAM O MUNDO

A BÍBLIA

Karen Armstrong

O CAPITAL DE MARX

Francis Wheen

O CORÃO

Bruce Lawrence

OS DIREITOS DO HOMEM DE THOMAS PAINE

Christopher Hitchens

ILÍADA E ODISSÉIA DE HOMERO

Alberto Manguel

A ORIGEM DAS ESPÉCIES DE DARWIN

Janet Browne

O PRÍNCIPE DE MAQUIAVEL

Philip Bobbitt

A REPÚBLICA DE PLATÃO

Simon Blackburn

A RIQUEZA DAS NAÇÕES DE ADAM SMITH

P.J. O'Rourke

SOBRE A GUERRA DE CLAUSEWITZ

Hew Strachan

P.J. O'Rourke

**A RIQUEZA DAS NAÇÕES
DE ADAM SMITH**

| *uma biografia* |

Tradução:
Roberto Franco Valente

 **ZAHAR**
Jorge Zahar Editor
Rio de Janeiro

***Este livro é dedicado a Edward Clifford Kelly O'Rourke,
na esperança de que ele possa crescer num mundo que desfrute
tanto da ética quanto da materialidade da Riqueza das Nações.***

Título original:
On The Wealth of Nations

Tradução autorizada da primeira edição inglesa, publicada em 2007 por
Atlantic Books, um selo de Grove Atlantic Ltd.,
de Londres, Inglaterra

Copyright © 2007, P.J. O'Rourke

Copyright da edição brasileira © 2008:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Sérgio Campante, em papel Reciclato

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

O'Rourke, P.J.
O97r A riqueza das nações de Adam Smith: uma biografia /
P. J. O'Rourke; tradução, Roberto Franco Valente. — Rio de
Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
(Livros que mudaram o mundo)

Tradução de: *On The wealth of nations*
Apêndice
Inclui índice
ISBN 978-85-378-0094-2

1. Smith, Adam, 1723-1790. Inquiry into the nature and
causes of the wealth of nations. 2. Economia. I. Título. II.
Série.

08-2797

CDD: 330.153
CDU: 330.821.1

Sumário

- 1 | Uma investigação sobre *Uma investigação sobre a natureza e as causas da Riqueza das nações* 7
- 2 | Por que *A riqueza das nações* é um livro tão longo? 25
- 3 | *A teoria dos sentimentos morais* 36
Nas cavaliças de Augias da condição humana, Adam Smith tenta faxinar as baias
- 4 | *A riqueza das nações*, Livro 1 50
Como o alto preço da liberdade faz com que as melhores coisas da vida saiam de graça
- 5 | *A riqueza das nações*, Livro 2 71
“Da natureza, acumulação e emprego do capital.”
Deixe Adam Smith ser seu guru financeiro
- 6 | *A riqueza das nações*: Livro 2, continuação 85
Adam Smith, um orador desmotivado
- 7 | *A riqueza das nações*, Livro 3 102
“A diversidade do progresso da riqueza nas diferentes nações”, e como temos a estupidez dos poderosos para ainda agradecer por isso

- 8 | *A riqueza das nações*, Livro 4 116
“Dos sistemas de economia política.”
Adam Smith trata da ameaça do comércio chinês
- 9 | *A riqueza das nações*, Livro 4, continuação 129
Adam Smith *versus* os suínos ideológicos,
quando eles ainda são porquinhos
engraçadinhos, soltando aqueles grunhidos
- 10 | Adam Smith, o tio chato fundador da América 137
- 11 | *A riqueza das nações*, Livro 5 149
“A receita do soberano ou do Estado.”
Adam Smith, um sabe-tudo em políticas
- 12 | O livro perdido de Adam Smith 170
- 13 | Uma investigação sobre Adam Smith 178
- 14 | Adam Smith no céu 207

Apêndice 213

Dicionário filosófico de Adam Smith

Notas 232

Leituras complementares 250

Agradecimentos 255

Índice remissivo 259

Ele pegou apenas o que sua mente superficial conseguia, e não a essência do pensamento de Smith. Até para se tomar emprestado um chapéu, seja qual for o propósito, as duas cabeças devem ter tamanhos aproximados.

JOHN RAE, biógrafo de Adam Smith, sobre outro autor que tentou apropriar-se da obra de Smith

Uma investigação sobre
*Uma investigação sobre a natureza
e as causas da Riqueza das nações*

S em dúvida alguma *A riqueza das nações* é um livro que mudou o mundo. Para isso, contudo, levou tempo. Passados 231 anos de sua publicação original, as verdades práticas de Adam Smith mal começam a ser completamente assimiladas. E, onde elas são mais importantes — conselhos da União Européia, Organização Mundial do Comércio, Fundo Monetário Internacional, Parlamento britânico e Congresso norte-americano —, muitas vezes as lições de Adam Smith acabam por se perder ou por serem compreendidas.

OS PRINCÍPIOS SIMPLES DE ADAM SMITH

Smith iluminou todo o mistério da economia com apenas um lampejo: “O consumo é o objetivo e o desígnio único de qual-

quer produção.”¹ Não há mistério nisso. Ele só tirou a *meta* da *física*. A economia é nosso meio de vida, nada mais.

A *riqueza das nações* discute três princípios básicos, e, por meio do simples pensamento e de numerosos exemplos, fornece sua prova. Normalmente, nem os intelectuais encontram dificuldades para compreender as idéias de Smith. O progresso econômico depende deste trio de prerrogativas individuais: a busca do interesse próprio, a divisão do trabalho e a liberdade de comércio.

Nada há de intrinsecamente errado em se empenhar pelo próprio interesse. Esse foi o melhor insight de Smith, que, entretanto, para um leitor do século XXI, dificilmente soará como novidade; se parecerá, antes, com todas as notícias que aparecem nos jornais. Hoje o próprio altruísmo é proclamado a plenos pulmões por qualquer altruísta. Certamente é do interesse do ego virar celebridade; Bob Geldof,* por exemplo, descobriu como se manter em estado de celebridade. Na maior parte da história, porém, a sabedoria, as crenças e os costumes sempre exigiram que se subjugasse o ego, que se refreassem as aspirações, que se sacrificasse o próprio eu (e, pensando em Abraão e Isaac, também os membros da família, caso fosse possível agarrá-los).

Toda essa brandura, assim como a produção de Adam Smith, tinha um objetivo e um propósito. A maioria das pessoas não exerce controle algum sobre sua situação material ou mesmo — sendo escravos ou servos — sobre suas pessoas materiais. Naquele verdadeiro canil que era a existência anti-

* Cantor e compositor inglês, líder da banda de rock Boomtown Rats, celebrou-se por campanha, com outros astros pop, contra a fome na Etiópia, em 1984, formando o grupo BandAid. (N.T.)

ga e medieval, o ascetismo nos fazia sentir menos semelhantes aos cachorros.

Adam Smith, porém, viveu num lugar e numa época em que os indivíduos comuns começavam a ter algum poder de correr atrás de seus próprios interesse. No capítulo “Sobre os salários do trabalho”, no Livro 1 da *Riqueza das nações*, ele observou, em tom próximo ao da moderna ironia: “Devemos considerar essa melhoria da situação das camadas mais baixas da sociedade uma vantagem ou um inconveniente para a sociedade?”²

Se, no século XVIII, a prosperidade ainda não era considerada algo bom e naturalmente óbvio para as classes inferiores do povo, é porque ninguém ainda tivera a iniciativa de lhes perguntar isso. Mesmo hoje, em muitos lugares, ninguém se deu ainda ao trabalho de questionar o assunto. Melhorar a própria situação, contudo, nunca é tolice, sacrilégio ou vulgaridade. O problema é como fazer isso.

A resposta é a divisão de trabalho. E ela foi óbvia — exceto para a maioria dos estudiosos que, antes de Adam Smith, já teorizava sobre a economia. Há divisão de trabalho desde que a humanidade existe. Quando Adão (o Adam original) limpou o chão, e sua Eva se estendeu sobre ele, pode-se dizer que a divisão de trabalho explicitou-se dolorosamente. As mulheres passaram a suportar a agonia do parto, enquanto os homens ficaram zanzando pelo jardim.

O Adam objeto da presente investigação não foi o primeiro filósofo a se dar conta da especialização ou a ver que a divisão é tão inata quanto o trabalho. Mas possivelmente foi o primeiro a compreender as múltiplas implicações da divisão de trabalho. De fato, parece ter sido o inventor da expressão.

O cara atarracado e cheio de grandes idéias afia a ponta da lança. O cretino corajoso fere o mamute com a lança. E o tipo artista reproduz tudo isso em lindas pinturas nas paredes da caverna. Cada pessoa faz uma coisa, e todas as pessoas querem todas as coisas.

Dáí o comércio. Teoricamente o comércio pode ser bom, ou, na teoria, a auto-suficiência pode ser melhor, mas só pensar essas teorias significa desperdiçar a especialização que, de vez em quando, é tão útil: o pensamento. O comércio é um fato.

Adam Smith se deu conta de que todos os comércios, desde que realizados com liberdade, são por definição mutuamente benéficos. Alguém que tem isto consegue aquilo, que desejaria mais, e o consegue de alguém que desejaria mais isto que aquilo. Esse pode ter sido um comércio bem idiota. Olhar uma pintura numa caverna talvez não valha 136 quilos de presunto de mamute. A reciprocidade pode estar em desequilíbrio. Um artista faminto se empanturra durante meses, enquanto o novo patrono das artes, cretino e corajoso, deslumbra-se na gruta de Lascaux. E quanto ao esperto afiador de lanças? Sem dúvida conseguiu sua porção de presunto de mamute. Mas ninguém nos perguntou nada. Não é da nossa conta.